

Resenha crítica do livro: “Educação como Prática de Liberdade” de Paulo Freire

Rubenita Farias de Oliveira Souza

Raquel de Oliveira Araújo

Maria Ivanete Bezerra dos Santos

Maria Lúcia Serique Reis

Suélia Cardoso da Silva

Maria Rosângela de Almeida Aquino

DOI: [10.47573/aya.5379.2.96.19](https://doi.org/10.47573/aya.5379.2.96.19)

O livro **“Educação Como Prática Da Liberdade”**, de Paulo Freire, 21ª Edição, publicado pela Editora Paz e Terra, com 130 páginas, de 1992, está estruturado por uma apresentação de Francisco C. Weffort, seguida de uma canção de Thiago de Mello, um pequeno agradecimento e esclarecimento. Na sequência contém quatro capítulos e apêndice.

Na apresentação deste livro denominada **“Educação e Política”**, a qual Francisco C. Weffort chama de ensaio, propõe algumas linhas mestras da visão global pedagógica e métodos de ensino de Freire. Este trabalho escrito depois da queda do governo Goulart, nos intervalos das prisões e concluído no exílio, apresenta reflexões e avaliações de seu autor, sobre o Método de Alfabetização de Adultos, contextualizando historicamente a realidade do indivíduo, com temas de significação sociológica e política.

As ideias expostas no livro destacam às dimensões teóricas e práticas do autor, iniciada no Nordeste, em 1962, na cidade de Angicos, no Rio Grande do Norte, com 300 trabalhadores rurais alfabetizados em 45 dias. Com isso, a aplicação do sistema se estendeu por todo o território nacional, sendo desenvolvidos entre junho de 1963 a março de 1964, cursos de capacitação de coordenadores a alguns milhares de jovens e estudantes em quase todas as capitais dos estados.

Com tal movimento em ascensão, o plano de 1964, seria à instalação urbana de 20.000 círculos de cultura para dois milhões de analfabetos, momento de idealização da educação popular e conscientização política, cultural e social das classes excluídas. O Golpe Militar, e de Estado, considerando a metodologia subversiva, reprimiu, interrompeu e desestruturou os trabalhos de maior esforço de democratização da cultura já realizada no Brasil. O ato de repressão rendeu a Freire 70 dias de detenção e depois foi exilado.

O apresentador da obra expõe que as fontes do pensamento do educador Paulo Freire têm a dialogação como existência de uma educação, como prática da liberdade, em seu modo de instauração histórica, associando a teoria e o fazer, como elementos de efetividade e eficácia, na medida da participação livre e crítica dos educandos. O autor prime pelo respeito à liberdade dos educandos de nunca serem chamados de analfabetos e sim de alfabetizandos. A grande preocupação de Paulo Freire é a mesma de toda a pedagogia moderna: “uma educação para a decisão, para a responsabilidade social e política” e que no saber democrático é impossível “dar aulas de democracia e, ao mesmo tempo, considerarmos como “absurda e imoral” a participação do povo no poder”.

Para Weffort a mais importante reflexão das ideias de Paulo Freire são propostas de desenvolvimento de políticas de caráter popular, na luta dos milhões de alfabetizandos do Brasil hoje e para as futuras gerações. A alfabetização merece destaque, diz ele, por ser o campo inicial do trabalho do autor. p. 14. A pedagogia de Paulo Freire é uma pedagogia para homens livres e o princípio essencial é que “a alfabetização e a conscientização jamais se separam”, porque “todo aprendizado deve encontrar-se intimamente associado à tomada de consciência da situação real vivida pelo educando”. p. 14

No tópico intitulado **“Canção para os fonemas da alegria”**, Thiago de Mello mostra quão doce é para o educando enxergar o que não via. A palavra ti-jo-lo, por exemplo, contextualizada com o seu trabalho o fez descobrir que a palavra vive nas construções que ele mesmo ergueu.

Na terceira parte indicado como **“Esclarecimento”**, Paulo Freire indica que o seu esforço educativo não nasceu do acaso, mas devido às condições especiais da sociedade brasileira pela qual passava. Queria ele uma sociedade descolonizada, uma educação para a liberdade, por meio da auto-reflexão, em que o homem fosse uma opção para o amanhã, sujeito de sua história e não considerado “coisa”.

No primeiro capítulo **“A Sociedade Brasileira em Transição”**, Paulo Freire apresenta um panorama de graves problemas sociais, sua interpretação sobre as forças políticas na década de 1960, esclarece pressupostos filosóficos e objetivos de luta por uma educação libertária, que retire o homem da condição de dominação imposta e o faça sujeito de sua história. O Brasil, segundo Freire, vivia um tempo de trânsito de uma sociedade fechada, com alto índice de analfabetismo, onde predominava a dominação de uma elite privilegiada frente à chegada de uma sociedade aberta e democrática. O autor enxerga no homem uma relação com o mundo de forma transcendental, numa ordem de características que o distingue da esfera animal, por ser humano, mais que contato, mas de relações, por está no mundo e com o mundo. Tais relações, diz o texto, há uma nota presente de criticidade, pluralidade, de consequência, temporal e reflexiva.

Para Freire o caráter existencial ultrapassa viver porque transcender, discernir e dialogar são exclusividade do existir, que liberta o homem da unidimensionalidade, de espectador e interferir sobre a realidade, lançando-o num domínio que lhe é exclusivo – o da História e o da Cultura. Entende Paulo Freire que a integração do homem ao seu contexto é resultante de estar nele e com ele, acrescida da possibilidade de criticidade, nota fundamental para ser homem Sujeito. Diferente da acomodação que em sua passividade daria margem apenas a uma débil ação defensiva.

No capítulo seguinte – **“Sociedade Fechada e Inexperiência Democrática”** – são analisadas as raízes da sociedade brasileira. Freire faz um apanhado de resgate de momentos da história e características do Brasil, desde o período colonial. Ele revela a posição de inexperiência democrática e possíveis causas da incapacidade que a sociedade tem de entender e aplicar os princípios democráticos. Causas como a empreitada de exploração comercial da terra, por só visarem o lucro e não a de ficar nela e com ela. A posse do território se fez por meio de grandes fazendas, que favoreceu a cultura de “proteção” aos moradores desses domínios protegidos, tempo de mandonismo e paternalismo, sem dialogação ou integração, mas ajustamento.

A submissão do homem brasileiro sempre esmagado pelo poder, que não votava nem era votado, favoreceu uma sociedade autoritária, fechada e alicerçada na escravidão. Segundo Freire a vinda de Dom João VI para o Brasil, provocou alterações na estrutura social, com novas experiências no sentido democrático, como a criação de escolas, imprensa, biblioteca e ensino técnico, mas antagonicamente, reforçava as tradições verticalmente antidemocráticas, pois a força do poder estava na burguesia e nos doutores formados na Europa, que copiavam o modelo democrático europeu, sem levar em conta a inexperiência democrática e realidade social brasileira, além da preservação do trabalho escravo.

Após a rachadura do sistema fechado começa uma tentativa de participação popular, de emersão. Relata o autor que a democracia antes de ser uma forma política, é uma forma de vida, caracterizada pela transitividade de consciência no comportamento do homem, tendo de ser feita não apenas com o consentimento do povo, mas com suas próprias mãos. (p.88). Segundo Freire, as décadas de 20 e 30 receberam o grande impulso do surto industrial e a crescente ur-

banização, além de alterações que refletiram na vida nacional, como a cultura, artes, literatura, ciências e pesquisas.

A análise do terceiro capítulo – **“Educação “Versus” Massificação”** - feito por Freire é sobre a crítica à educação tradicional em relação às práticas pedagógicas nas escolas da época. Diz o autor que o educador brasileiro deve ter a preocupação de atuar com vistas à educação crítica, em constante diálogo, contribuindo e lutando pela aprendizagem da democracia, com a própria existência desta.

A luz da pedagogia Paulo Freire busca respostas na crença de uma educação mais consciente de sua transitividade, uma escola que se distanciasse dos modelos estrangeiros, do verbalismo, sem arbitrariedade e inovadora. Uma educação voltada para a pesquisa e debates sociais, abandonando a consciência ingênua. Freire insiste em dizer que o grande desafio brasileiro além da superação do analfabetismo seria a superação da inexperiência democrática, mesmo porque as influências renovadoras do cinema, caminhão, avião, televisão e rádio se associavam as percepções populares. O autor enfatiza a importância da educação integral, na formação do trabalhador técnico e profissional, fazendo menção do Instituto Superior de Estudos Brasileiros - ISEB - e o da Universidade de Brasília, como dois empenhos importantes da educação, ambos frustrados pelo Golpe Militar.

No quarto e último capítulo – **“Educação e Conscientização”** – A oralidade de Paulo Freire expressa a sua preocupação com os déficits quantitativos e qualitativos da educação brasileira e a multiplicidade de analfabetos e crianças sem escolas. Sintetiza o método de educação popular, uma formação de qualidade que o golpe militar impediu sua continuidade, o de ser implementado vinte mil círculos de Cultura em todo o país. Baseado em seu método, Paulo Freire propôs uma educação ativa, crítica, participante e dialogal, afirmando que só por meio da educação o homem reconhece a liberdade e igualdade em todas as áreas da sua vida com participação no governo por ser sujeito criador.

Analisa Paulo Freire cinco fases de elaboração e execução de seu método destacando a participação dos adultos na construção do ensino em seu próprio alfabetizar.

No apêndice do livro são apresentadas dez situações existenciais e os diversos momentos do processo da alfabetização de adultos. Registra o autor 17 palavras geradoras, de uso comum na linguagem do povo, carregadas de experiências vividas, escolhidas, pesquisadas e aplicadas no Estado do Rio de Janeiro.

O livro: **“Educação como Prática da Liberdade”** reflete as ideias e importância de Paulo Freire para a época passada e presente, pois se faz necessário dar continuidade às elaborações das suas propostas do “Método” de alfabetização de adultos. Além de expressar o seu estilo pedagógico Freire faz o homem entender que nasceu livre e pode lutar por mudança à medida que encarna a educação como forma de liberdade democrática.

Neste sentido, **“acreditar”** é a palavra geradora que deve permear o homem e a sociedade, a superar uma consciência ingênua, gerando criticidade, dialogando a partir da reflexão social, criando e recriando ideias no mundo com o mundo. O livro é indicado para todos que buscam entender o papel da educação como agente de transformação social. Paulo Freire oferece toda a sua experiência como homem e educador que vê e sente na educação a conscientização do homem como sujeito de sua própria história, porque educação é antes de tudo “um ato de

amor”.

REFERÊNCIA

FREIRE, Paulo. Educação Como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 21ª Edição, 1992.